

Semana Mundial de Aleitamento Materno 2023: apoie a amamentação, faça diferença para mães e pais que trabalham

Maria Teresa Rossetti Massari
Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes

Abstract: *The first week of August is world widely known as World Breastfeeding Week. The theme chosen by the World Alliance for Breastfeeding Action (WABA) for 2023 is: Support Breastfeeding, Make a Difference for Working Moms and Dads. In this sense, some resolutions of the International Labor Organization (ILO) on parental leave and the joint declaration of WHO and UNICEF on breastfeeding and work are presented. Finally, The Lancet Series for Breastfeeding 2023 is presented and a brief summary of each of the three articles in the publication is discussed.*

Keywords: *Breastfeeding; Child health; Return to Work; Women's Rights.*

Resumo: A primeira semana de agosto é mundialmente conhecida como a Semana Mundial da Amamentação. O tema escolhido pela *World Alliance for Breastfeeding Action (WABA)* para 2023 é: apoie a amamentação, faça diferença para mães e pais que trabalham. São apresentadas também algumas resoluções da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre licença parental e a declaração conjunta da OMS e UNICEF sobre amamentação e trabalho. Por fim se apresentou a série *The Lancet para Amamentação 2023* e uma breve síntese e discussão de cada um dos três artigos da publicação.

Palavras-chave: Aleitamento materno; Saúde da criança; Retorno ao Trabalho; Direitos da Mulher.

A amamentação é um dos melhores investimentos para a saúde das mulheres e para a sobrevivência das crianças. Ela traz benefícios comprovados para a saúde de mães e bebês, tanto em ambientes de alta renda como de baixa renda. No entanto, menos de 50% dos bebês em todo o mundo são amamentados de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde. O custo de não amamentar tem enormes implicações a nível individual, familiar e social.

A WABA ([World Alliance for Breastfeeding Action](#) - Aliança Mundial para Ação em Aleitamento Materno) é uma rede mundial de indivíduos e organizações com foco na proteção, promoção e apoio à amamentação, fundada em 1991. A Aliança está pautada na [Declaração de Innocenti](#), nos [Dez Passos para Nutrir o Futuro](#) e na [Estratégia Global da OMS/UNICEF para Alimentação de Lactentes e Crianças Pequenas](#).

Para cumprir os compromissos assumidos na Declaração de Innocenti, a WABA criou em 1992 a Semana Mundial de Aleitamento Materno (SMAM), celebrada entre 1 e 7 de agosto. No Brasil, além da SMAM, a [Lei 13.435 de 12 de abril de 2017](#) instituiu o mês de agosto como “Agosto Dourado”, mês do Aleitamento Materno no país. A escolha da cor dourada está relacionada ao padrão de qualidade conferido ao leite humano e simboliza o incentivo ao aleitamento materno.

Todos os anos a WABA define um tema a ser explorado e os materiais produzidos são traduzidos para 14 idiomas e distribuídos em 120 países. O objetivo da Semana Mundial é informar a população sobre a importância do aleitamento materno e promover seus benefícios

tanto para recém-nascidos quanto para as mulheres. O tema escolhido para 2023 foi: Apoie a amamentação, faça diferença para mães e pais que trabalham.

SMAM 2023 - Apoie a amamentação, faça diferença para mães e pais que trabalham

As mulheres em todas as sociedades, em todos os lugares e ao longo da história tiveram que administrar as responsabilidades conflitantes de cuidar de seus filhos e de um emprego remunerado. Em muitas comunidades, as mulheres amamentam enquanto compartilham suas tarefas, apoiando-se mutuamente, muitas vezes ajudadas por outros membros da família, como avós.

Em 1919, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) buscou adotar melhores condições de trabalho para mulheres e crianças. A [Convenção de Proteção à Maternidade da OIT 1919 \(nº 3\)](#) estipula que uma mulher não trabalhará nas primeiras seis semanas após o parto e terá dois intervalos de meia hora por dia para alimentar seu filho. Desde então, mais duas Convenções da OIT com foco específico na Proteção à Maternidade no local de trabalho foram adotadas: [Convenção de 1952 \(nº 103\)](#), permitindo licença não inferior a 12 semanas e a [Convenção de 2000 \(nº 183\)](#), permitindo não menos de 14 semanas de licença maternidade. Até o momento, apenas 43 países em todo o mundo ratificaram a Convenção de Proteção à Maternidade de 2000 (nº 183).

Já a recomendação nº 191 sugere que esse período seja estendido a 18 semanas pelo menos. E ainda que os países tenham incluído algumas licenças de maternidade em suas leis, grandes variações podem ser observadas e apenas 18 países atendem ou superam a Recomendação 191 da OIT de 18 semanas.

Da mesma maneira, a Convenção nº 183 incorpora o direito a uma licença adicional no caso de doença, complicações ou riscos relacionados à gravidez (Art. 5). O propósito dessa disposição é proteger a mulher de possíveis pressões para retornar ao trabalho em um período no qual esse retorno pode ser nocivo para a sua saúde ou de seu filho ou filha.

A licença parental para mães leva a uma melhor saúde da criança, uma vez que permite à mãe aumentar a frequência da amamentação. Quando usufruídas pelos pais, a licença parental também facilita um maior envolvimento dos pais no cuidado à família, promovendo assim o compartilhar de responsabilidades de cuidado entre mães e pais e reduzindo o fardo para as mães que geralmente ficam com a maior parte.

Ainda que de forma muito desigual, os homens têm assumido responsabilidades mais ativas no apoio à amamentação e, nesse sentido, precisam também do suporte de um arcabouço legal. Segundo a OIT, 115 dos 185 países oferecem licença paternidade. Mas esses direitos permanecem reduzidos a poucos dias na maioria dos países, além de a cobertura ainda ser muito baixa. Direito à licença parental, que permite aos pais cuidar dos filhos após o término da licença maternidade e paternidade, são menos comuns e são oferecidos apenas em [68 países](#).

As limitações do local de trabalho continuam sendo a razão mais comum para as mulheres nunca amamentarem ou pararem de amamentar mais cedo do que o recomendado pela OMS, ou do que elas próprias desejam. Até com licença maternidade e paternidade adequadas, a falta de apoio à amamentação no local de trabalho pode prejudicar a amamentação. Cerca de 70 países ainda não garantem o direito a pausas para amamentação e a maioria desses países só permite pausas nos primeiros seis meses, apesar de a amamentação ser recomendada por dois anos ou mais.

Desde a instituição da Semana Mundial de Amamentação muitos países fizeram progressos significativos para aumentar as taxas de amamentação exclusiva. No entanto, um progresso ainda maior é possível quando a amamentação é protegida e apoiada, principalmente no local de trabalho. Organizações como a UNICEF e a OMS estão enfatizando a necessidade de maior apoio à amamentação em todos os locais de trabalho para sustentar e melhorar o progresso nas taxas de amamentação globalmente.

Segue [declaração conjunta](#) da diretora executiva da UNICEF Catherine Russell e do diretor geral da OMS Tedros Adhanom:

"Na última década, a prevalência da amamentação exclusiva aumentou notáveis 10 pontos percentuais, para 48% globalmente. Países tão diversos como a Costa do Marfim, Ilhas Marshall, Filipinas, Somália e Vietnã alcançaram grandes aumentos nas taxas de amamentação, mostrando que o progresso é possível quando a amamentação é protegida, promovida e apoiada. No entanto, para atingir a meta global de 70% até 2030, as barreiras que as mulheres e famílias enfrentam devem ser abordadas.

Os locais de apoio no trabalho são fundamentais. As evidências mostram que, embora as taxas de amamentação caiam significativamente para as mulheres quando elas retornam ao trabalho, esse impacto negativo pode ser revertido quando os locais de trabalho facilitam as mães a continuarem a amamentar seus bebês. Políticas favoráveis a família no local de trabalho - como licença maternidade remunerada, pausas para amamentação e uma sala onde as mães possam amamentar ou extrair leite - criam um ambiente que beneficia não apenas as mulheres que trabalham e suas famílias, mas também os empregadores. Essas políticas geram retornos econômicos ao reduzir absenteísmo relacionado à maternidade, aumentando a retenção de trabalhadoras e reduz os custos de contratação e treinamento de novos funcionários.

Desde os primeiros momentos da vida de uma criança, a amamentação é a melhor intervenção de sobrevivência e desenvolvimento infantil. A amamentação protege os bebês de doenças infecciosas comuns e estimula o sistema imunológico das crianças, fornecendo os principais nutrientes que elas precisam para crescer e desenvolver todo o seu potencial. Bebês e crianças que não são amamentadas têm 14 vezes mais chances de morrer antes de completarem seu primeiro aniversário do que bebês que são amamentados exclusivamente".

Série Amamentação 2023 - The Lancet

A revista The Lancet se dedica todos os anos a publicar uma série sobre amamentação onde aponta os principais desafios para garantia do aleitamento materno no mundo. A série de três artigos, publicados em 2023, descreve as estratégias multifacetadas e altamente eficazes usadas pelos fabricantes de fórmulas comerciais para atingir pais, profissionais de saúde e formuladores de políticas.

1) [Amamentação: crucialmente importante, mas cada vez mais desafiada em um mundo impulsionado pelo mercado](#)

O artigo examinou como os atributos da mãe e do bebê no nível individual interagem com os determinantes da amamentação em outros níveis, como essas interações impulsionam os resultados da amamentação e quais políticas e intervenções são necessárias para alcançar a amamentação ideal.

Cerca de um em cada três recém-nascidos em países de baixa e média renda recebem alimentação láctea, e apenas um em cada dois recém-nascidos é amamentado na primeira hora de vida. A alimentação láctea está fortemente associada ao atraso no início da amamentação.

Leite insuficiente autorreferido continua a ser uma das razões mais comuns para a introdução de fórmula láctea comercial e interrupção da amamentação.

Os pais e os profissionais de saúde frequentemente interpretam mal os comportamentos típicos e instáveis do bebê como sendo sinais de insuficiência ou inadequação do leite. Em um mundo voltado para o mercado, onde há violação do [Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno](#), a indústria explora as preocupações dos pais sobre esses comportamentos com alegações infundadas de produtos e mensagens publicitárias.

Uma síntese de revisões entre 2016 e 2021 e estudos de caso baseados em países indicam que as práticas de amamentação em nível populacional podem ser melhoradas rapidamente por meio de intervenções multiníveis e multicomponentes em todo o modelo e configurações socioecológicas. A amamentação não é responsabilidade exclusiva das mulheres e requer abordagens sociais coletivas que levem em consideração as desigualdades de gênero.

2) [Comercialização de fórmulas lácteas: um sistema para capturar pais, comunidades, ciência e políticas](#)

Apesar dos benefícios comprovados, menos da metade dos bebês e crianças pequenas em todo o mundo são amamentados de acordo com as recomendações da OMS. Em comparação, a comercialização de fórmulas lácteas aumentaram para cerca de US\$ 55 bilhões anualmente, com mais bebês e crianças pequenas recebendo esses produtos do que nunca.

Este artigo descreveu o manual de marketing das fórmulas lácteas e sua influência nas famílias, profissionais de saúde, ciência e processos políticos, com base em dados de pesquisas nacionais, relatórios de empresas, estudos de caso, revisões de escopo e dois estudos realizados em vários países.

Ele relatou como as vendas de fórmulas lácteas são impulsionadas por estratégias de marketing multifacetadas que retratam as fórmulas lácteas como soluções para problemas comuns de saúde e desenvolvimento infantil, com pouca ou nenhuma evidência de apoio. Essa prática prejudica sistematicamente a amamentação. Além disso, as plataformas e mídias digitais ampliam substancialmente o alcance e a influência do marketing, contornando o Código Internacional de Marketing de Substitutos do Leite Materno.

A criação de um ambiente socialmente propício para a amamentação, livre de influência comercial, requer maior comprometimento político, investimento financeiro, transparência da indústria e defesa sustentada. O artigo ainda considera que uma convenção estruturada sobre o marketing comercial de produtos alimentícios para lactentes e crianças é necessária para acabar com o marketing irregular de fórmulas lácteas.

3) [A economia política da alimentação de lactentes e crianças pequenas: confrontando o poder corporativo, superando barreiras estruturais e acelerando o progresso](#)

Apesar das crescentes evidências sobre o valor e a importância da amamentação, menos da metade dos bebês e crianças pequenas do mundo (de 0 a 36 meses) são amamentados conforme recomendado. Este artigo da série examinou as razões sociais, políticas e econômicas para este problema.

Primeiro o artigo destaca o poder da indústria de fórmulas lácteas para mercantilizar a alimentação de bebês e crianças pequenas; influenciar a política nos níveis nacional e internacional de forma a crescer e sustentar os mercados; e externalizar os custos sociais, ambientais e econômicos da comercialização das fórmulas lácteas.

Em segundo lugar, ele examina como a amamentação é prejudicada por políticas e sistemas econômicos que ignoram o valor do trabalho de cuidado das mulheres, incluindo a

amamentação, e pela inadequação da proteção dos direitos da maternidade em todo o mundo, especialmente para as mulheres mais pobres.

Em terceiro lugar, o artigo apresenta três razões pelas quais os sistemas de saúde muitas vezes não fornecem proteção, promoção e apoio adequados ao aleitamento materno. Essas razões são os sistemas de poder biomédico e de gênero que negam cuidados culturalmente apropriados e que sejam centrados nas mulheres; os fatores econômicos e ideológicos que aceitam e até encorajam a influência comercial e os conflitos de interesse; e as políticas fiscais e econômicas que deixam os governos com fundos insuficientes para proteger, promover e apoiar adequadamente o aleitamento materno.

Ao final, ele propõe um conjunto de seis reformas sociais, políticas e econômicas necessárias para superar essas barreiras comerciais e estruturais profundamente enraizadas à amamentação.

Para acessar as publicações completas da série The Lancet, [clique aqui](#). Para acessar o infográfico da série, [clique aqui](#). E para acessar o vídeo com a fala dos pesquisadores que desenvolveram a série de publicações, [clique aqui](#). Para acessar o Encontro com Especialistas do Portal de Boas Práticas do IFF/Fiocruz sobre o Agosto Dourado 2023, [clique aqui](#).